



IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA DO BRASIL

## PARÓQUIA DA VITÓRIA



### MALAQUIAS, MUITO MAIS QUE DÍZIMOS E OFERTAS

#### 17 – Os Acusadores de Deus - Malaquias 2.17 – 3.5

Deus é levado ao banco dos réus. O cenário deste texto é de um julgamento. Quatro fatos podem ser constatados. **Primeiro**, um tribunal é estabelecido. O livro de Malaquias trata de sete audiências. Deus fala, o povo faz a réplica e Deus a tréplica. **Segundo**, uma acusação é formalizada. A acusação contra Deus é de que Ele não é ético: não apenas deixando de premiar o bem, mas comprazendo-se no mal. **Terceiro**, uma defesa é feita. Deus sai do banco dos réus e prova que a acusação contra Ele é falsa e apresenta-se como testemunha e juiz para condenar os impenitentes. **Quarto**, uma sentença é lavrada. Deus julga o impenitente, mas restaura o Seu povo.

O mundo caminha a passos largos para o secularismo ateu. Cresce o número daqueles que não acreditam em Deus e também daqueles que odeiam a Deus. A fé cristã tem sido perseguida em todo o mundo, como se fosse uma ameaça à humanidade. Cristãos têm sido presos, torturados e mortos pela sua fé. Outros têm sido escarnecidos nos meios acadêmicos, como se a fé cristã fosse um parentesco da ignorância e um aliado do obscurantismo intelectual. A fé cristã e os valores cristãos têm sido tripudiados nas casas de leis, nas cortes dos governantes, na imprensa, na mídia e nas ruas. Vivemos um tempo de apostasia e de resistência à verdade.

Os filhos de Coré, no seu tempo, já enfrentavam esse ataque implacável. Assim, o salmista expressa: **“Esmigalham-se-me os ossos, quando os meus adversários me insultam, dizendo e dizendo: O teu Deus, onde está?”** (SI 42.10). Os filhos de Coré, quando escreveram este salmo, estavam encurralados por circunstâncias medonhas e seus adversários os colocavam contra a parede, ou melhor, colocavam o seu Deus no banco dos réus. A providência era carrancuda. Os inimigos eram muitos. Os perigos ameaçadores. O livramento parecia impossível.

Para agravar a situação, os adversários ainda os insultavam com uma pergunta insolente e perturbadora: Onde está o seu Deus? Por que ele não age? Por que não vem em seu socorro? Esta é a pergunta que os ímpios ainda fazem, para nos acuar. Onde está Deus num mundo onde prevalece a mentira, a falsidade, a injustiça, a violência, a opressão, a maldade, a promiscuidade e a falência dos valores morais? Se Deus existe, por que ele não se manifesta? Se ele é Todo-poderoso por que não prevalece contra essa torrente de maldade que assola a humanidade? Se ele é amor, por que permite que os justos sofram? Se Deus é real, por que não põe um fim nessa confusão mundial?

O Salmista responde a essas afrontas, afirmando sua confiança em Deus, apesar das circunstâncias adversas. Reconhece que Deus é soberano e não pode ser domesticado pelo homem. Sabe que Deus age não conforme a pressão dos homens, mas conforme o seu propósito e conselho eterno. Longe de se enfraquecer com o escárnio dos adversários, o salmista reafirma seu apego a Deus (SI 42.1,2). Longe de perder sua confiança em Deus, o salmista reafirma que Deus é seu auxílio (SI 42.5). Longe de se afastar de Deus, chocado com as mazelas do mundo e com as acusações sofridas, reafirma sua confiança na infinita misericórdia de Deus (SI 42.8). Longe de ceder aos ataques dos adversários e admitir que Deus perdeu o poder, reafirma, confiantemente, que Deus é a sua rocha (SI 42.9). Longe de capitular-se à amargura contra Deus, reafirmou que Deus é o motivo do seu louvor (SI 42.11).

O salmista está consciente de que o mal nem sempre é julgado na hora que é cometido. Os ímpios que escapam dos tribunais da terra terão que comparecer perante o tribunal de Deus, onde serão julgados retamente. Quanto aos justos, ainda que sofram agora, desfrutarão de bem-aventurança eterna. A verdade incontestável é: não é Deus quem está no banco dos réus; o homem é que terá que prestar contas da sua vida a Deus, o Juiz de vivos e de mortos.

Os acusadores apontados pelo profeta Malaquias podem ser descritos de três maneiras.

**Em primeiro lugar, os acusadores de Deus são ingratos.** Os acusadores não são procedentes de nações pagãs. Eles não são estranhos à aliança da promessa, mas são o próprio povo de Deus. Os acusadores são aqueles a quem Deus tem amado, protegido, libertado. Os acusadores são aqueles que deveriam estar adorando a Deus em santidade de vida, mas estão se insurgindo contra Ele, levantando acusações falsas, torcendo a verdade e disseminando o erro. A pergunta deles queria dizer: “Onde está a prova de que existe a mão divina dirigindo os negócios humanos?”

**Em segundo lugar, os acusadores de Deus são insensíveis.** Eles estão enfadando a Deus com suas palavras e com os seus pecados, mas não sabem que estão enfadando a Deus. Eles falam e agem contra Deus, mas não têm percepção disso. Estão anestesiados, cauterizados e insensíveis.

**Em terceiro lugar, os acusadores de Deus são pessoas equivocadas.** Eles tinham uma ideia completamente falsa de sua missão. Os judeus sempre achavam que o Messias estaria do seu lado contra os inimigos pagãos. Esperavam que Deus viesse destruir as potências dos gentios e restaurar o poder de Israel, mas não estavam preparados para a obra que Ele realizaria na purificação dos judeus. Eles esperavam que, com a reconstrução do segundo templo, fatos milagrosos acontecessem como aconteceu com o primeiro templo. Eles esperavam que, com o retorno da Babilônia, Deus enviasse o Seu Messias para quebrar o poder do jugo estrangeiro e fizesse deles, judeus, uma nação poderosa. Eles tinham expectativas claras de que Deus os exaltaria aos olhos das nações, mas ainda estavam sob o jugo estrangeiro, enquanto os pagãos se fortaleciam. Eles tinham a expectativa de um Messias político, guerreiro. Eles esperavam que Deus os exaltasse, mesmo em seus pecados.

Os acusadores usaram dois argumentos para atacar a Deus.

**Em primeiro lugar, Deus é acusado de ser passivo diante do que acontece no mundo (2.17).** O ponto nevrálgico dessa acusação é a surrada questão da prosperidade do ímpio. Este questionamento não era novo. Por que um homem que leva uma vida séria e decente, cumpre com os seus deveres e paga os impostos devidos está sempre marcando passo? Já o outro que é corrupto, que vive burlando as leis, roubando, corrompendo e maquinando contra o próximo, prospera? Asafe, no salmo 73, expôs sua profunda crise espiritual ao ver a prosperidade do ímpio, enquanto ele, sendo fiel a Deus, passava por duras provações. A pergunta dele era: por que os ímpios prosperam e ele a cada manhã era castigado? Depois da sua angústia, Asafe afirma: **“Até que entrei no santuário de Deus, e atinei com o fim deles”** (Sl 73.17). O profeta Jeremias também fez esse questionamento: **“Justo és, ó Senhor, quando entro contigo num pleito; contudo, falarei contigo dos teus juízos. Por que prospera o caminho dos perversos, e vivem em paz todos os que procedem perfidamente?”** (Jr 12.1). O profeta Habacuque, no auge da sua angústia, clama a Deus, e diz: **“Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me responderás? Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás? [...]”** (Hc 1.2-4).

Essa é a grande questão levantada pelos filósofos, pensadores e céticos. Se Deus existe, se Ele é bom, se é onipotente, por que permite calamidades naturais, como o tsunami que arrastou numa torrente de lama milhares de pessoas indefesas? Por que Deus permite que furacões inundem cidades inteiras, matando tantas pessoas indefesas? Por que os ricos se embriagam bebendo vinho de vinte mil reais a garrafa, enquanto pessoas morrem de fome ante os seus olhos sem receberem sequer uma mísera esmola? Se Deus é bom, porque a injustiça social é tão perversa e selvagem no mundo? Se Deus é onipotente, por que Ele não freia essa avalanche de imoralidade que arrasta a sociedade contemporânea para um mar de lama? Os acusadores de Deus estufam o peito, erguem a voz e, com insolência, atiram suas flechas envenenadas contra o Altíssimo.

**Em segundo lugar, Deus é acusado de ser parcial e imoral em Seus julgamentos (2.17).** Os acusadores estão fazendo três pesadas acusações contra Deus. A primeira delas é impunidade no julgamento: **“Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor”** (2.17). Eles acusam Deus veladamente de não recompensar o bem, mas de premiar o mal. A segunda acusação é corrupção no caráter: **“[...]Je desses é que ele se agrada”** (2.17). Eles atacam o caráter santo de Deus. Eles acusam Deus de deleitar-se no pecado e agradar-se do pecador. A terceira acusação é inatividade na providência: **“Onde está o Deus do juízo?”** (2.17). Acusam Deus de ser omissivo na História, de ser lerdo nas intervenções. Mas, eles é que eram cegos. Deus agiu no dilúvio, em Sodoma, no cativeiro babilônico. Deus age hoje e agirá no futuro. Amém.

Todas as acusações contra Deus eram falsas. Emanaram de pessoas ingratas, corrompidas e equivocadas. Deus é santo, tem o controle da História e manifestará o Seu julgamento contra aqueles que pervertem a Sua lei. Diante da pergunta: **“Onde está o Deus do juízo?”** O Senhor responde: O Deus do juízo virá.

Concluindo, podemos ver a mudança do cenário. Os acusadores agora é que estão no banco dos réus. O Deus do juízo virá, mas eles não suportarão a Sua vinda. Ele virá, mas eles serão julgados e condenados.

A causa da condenação dos réus é declarada: os acusadores de Deus tornaram-se réus condenados porque não temeram a Deus. Quando o homem perde o temor de Deus, ele perde o referencial do certo e do errado. Quando ele perde o temor de Deus, ele se corrompe (**Ne 5.15**). A nossa geração está perdendo o temor de Deus e chafurdando em um pântano lodoso.

Quantas vezes colocamos em julgamento a integridade e o amor de Deus por causa de sofrimentos que nos ocorrem? Em seu livro *God in the dock* (Deus no banco dos réus), C. S. Lewis comenta:

*O homem antigo vinha a Deus (ou até mesmo aos deuses) como o acusado. No caso do homem de hoje, os papéis se inverteram: ele é o juiz; Deus está no banco dos réus. Se Deus tiver uma boa razão em Sua defesa para ser o Deus que permite a guerra, a pobreza e a doença, [o homem] estará, então, disposto a ouvi-la. O julgamento talvez até acabe com a absolvição de Deus. Mas o fato importante é que o homem está no banco dos magistrados, e Deus, no banco dos réus.*